

# Campo do conhecimento de pesquisa do ensino de Artes

*Coleção*

***Educação do campo, das águas e das florestas:  
tecendo currículos de formação de professores  
no contexto amazônico***

*Daniely Peinado*



editora  
UEA



**CAMPO DO CONHECIMENTO DE PESQUISA DO ENSINO DE**

**ARTES**

**DANIELY PEINADO**

## **Governo do Estado do Amazonas**

Wilson Miranda Lima  
**Governador**

## **Universidade do Estado do Amazonas**

André Luiz Nunes Zogahib  
**Reitor**

Kátia do Nascimento Couceiro  
**Vice-reitora**

Fábio Carmo Plácido Santos  
**Pró-reitor de Ensino de Graduação**

Roberto Sanches Mubarak Sobrinho  
**Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Darlisom Sousa Ferreira  
**Pró-reitor de Extensão e Assuntos  
Comunitários**

Isaque dos Santos Sousa  
**Pró-reitor de Planejamento**

Nilson José de Oliveira Junior  
**Pró-reitor de Administração**

Valber Barbosa Martins  
**Pró-reitor de Interiorização**

## **Núcleo de Educação a Distância - NEAD**

Maria do P. Socorro Nóbrega Ribeiro  
**Coordenadora Geral NEAd/UAB/UEA**

## **Universidade Aberta do Brasil -UAB**

Raimundo N. A. da Silva  
**Coordenador adjunto da UAB/UEA**

## **Escola Normal Superior**

Márcio Gonçalves dos Santos  
**Diretor**

Daniele Mariam

## **Coordenadora de Qualidade**

## **Licenciatura em Pedagogia do Campo**

Lucinete Gadelha da Costa  
**Coordenadora do Curso e do Núcleo de  
Educação do Campo, das Águas e das  
Florestas da Escola Normal  
Superior/UEA**

## **Núcleo Docente Estruturante**

Lucinete Gadelha da Costa  
**Presidente**

Maria Edeluza Ferreira Pinto de Moura  
Vanderlete Pereira da Silva  
Raimundo Sidney dos Santos Campos  
Leni Rodrigues Coelho  
**Membros**

*editora*UEA

Isolda Prado de Negreiros Nogueira  
Horstmann  
**Diretora**

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de  
Freitas  
**Gerente**

Wesley Sá  
**Editor Executivo**

Raquel Maciel  
**Produtora Editorial**

Isolda Prado de Negreiros Nogueira  
Horstmann (Presidente)  
Adriana Távora de Albuquerque Taveira  
Carlos Mauricio Seródio Figueiredo  
Gislaine Regina Pozzetti  
Josefina Diosdada Barrera Khalil  
Katell Uguen  
Orlem Pinheiro de Lima  
Silvia Regina Sampaio Freitas  
Vanúbia Araújo Laulate Moncayo  
**Conselho Editorial**

André Teixeira  
Sindell Amazonas  
**Revisão e preparação de texto**

Clarice Martins  
Nicole Rocha  
**Produção de capa**

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas  
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa

P377c  
2025 Peinado, Daniely  
Campo do conhecimento de pesquisa do ensino de Artes /  
Daniely Peinado. 1. ed. – Manaus (AM): Editora UEA, 2025.  
57 p.: il., color.; [E-Book] - (Coleção Educação do campo, das  
águas e das florestas: tecendo currículos de formação de  
professores no contexto amazônico.)

ISBN: 978-85-7883-753-2  
Inclui referências bibliográficas

1. Ensino de artes. 2. Arte e educação. 3. Concepções  
metodológicas. 4. Fundamentos do ensino-artes. I. Título.

CDU 1997- 373.67

*Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota-11/CRB 484*



*editora***UEA**

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil  
CEP 69050-010 | +55 92 38784463  
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>UNIDADE I.....</b>	<b>8</b>
<b>1. FUNDAMENTOS DO ENSINO DE ARTE.....</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O ENSINO DE ARTE NO BRASIL</b>	<b>9</b>
<b>ARTE NA ESCOLA DO CAMPO .....</b>	<b>13</b>
<b>AVALIAÇÃO EM ARTE.....</b>	<b>16</b>
<b>SÍNTESE DA UNIDADE .....</b>	<b>19</b>
<b>UNIDADE II .....</b>	<b>22</b>
<b>2. ARTE E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO .....</b>	<b>23</b>
<b>LEITURA E RELEITURA NA ARTE.....</b>	<b>27</b>
<b>PRÁTICAS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA .....</b>	<b>30</b>
<b>SÍNTESE DA UNIDADE .....</b>	<b>34</b>
<b>UNIDADE III.....</b>	<b>37</b>
<b>3. PROCESSOS CRIATIVOS COMO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>37</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>37</b>
<b>RETOMANDO NOÇÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE EM ESCOLAS DO CAMPO .....</b>	<b>38</b>
<b>NUVEM DE PALAVRAS .....</b>	<b>40</b>
<b>OFICINA DE ARTES VISUAIS, MÚSICA E ARTES HÍBRIDAS .....</b>	<b>41</b>
<b>OFICINA DE ARTES VISUAIS – GRAFISMO INDÍGENA.....</b>	<b>42</b>
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	42
APRECIÇÃO.....	42
FAZER ARTÍSTICO.....	45
<b>OFICINA DE MÚSICA – PAISAGEM SONORA .....</b>	<b>45</b>
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	45
FAZER ARTÍSTICO.....	46
APRECIÇÃO.....	46
<b>OFICINA DE ARTES HÍBRIDAS – INSTALAÇÃO ARTÍSTICA: LAND ART .....</b>	<b>47</b>
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	47
APRECIÇÃO.....	48
FAZER ARTÍSTICO.....	49

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>53</b>
<b>SÍNTESE DA UNIDADE</b> .....	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>SOBRE A AUTORA</b> .....	<b>59</b>

## APRESENTAÇÃO

Olá, turma de Pedagogia do Campo,

Apresento o material que integra o plano de ensino do componente **Campo de Conhecimento de Pesquisa do Ensino de Artes**, que nos acompanhará durante o processo de trocas e construções que teceremos juntos. Me sinto muito grata e honrada em agregar com minha experiência e olhar a formação de professores na cidade de Caruaru e, neste contexto, ressalto a importância do pensamento crítico e criativo possível com ensino de arte.

O processo que se inicia está dividido em três unidades.

Na Unidade I - Fundamentos do Ensino de Artes iremos analisar a trajetória histórica do ensino de arte nas escolas brasileiras, pensar sobre o ensino de arte na escola do e no campo considerando as perspectivas atuais e posteriormente, iremos refletir acerca da avaliação de processos de aprendizagem em arte.

Na Unidade II - Arte e Educação, para além de compreender a arte como área de conhecimento, iremos nos dedicar às relações entre arte e educação para pensarmos situações de ensino e aprendizagem, a partir de experiências de produção, apreciação e contextualização artística.

Na Unidade III - Processos criativos como processos de aprendizagens, retomaremos as noções discutidas sobre o ensino de arte, compartilhando como inspiração algumas possibilidades de propostas artístico-pedagógicas, no intuito de suscitar voos para que sigam seus caminhos de criação em arte e educação.

Que a experiência desta imersão seja ponte para infinitas construções a partir da relação arte e educação!

Abraço afetuoso,

A autora

Manaus, 2023.

# UNIDADE I

## 1. FUNDAMENTOS DO ENSINO DE ARTE

### INTRODUÇÃO

Esta unidade tem o objetivo de lançar um olhar crítico sobre a historicidade do ensino de arte nas escolas brasileiras, relacionando pressupostos e pedagogias de ensino vigentes, como também apontando implicações e transformações no campo da arte e da educação, para pensarmos propostas artístico-pedagógicas na escola atual.

Para isso, começaremos localizando historicamente finalidades e propósitos atrelados ao ensino de arte nas escolas. Posteriormente, iremos nos dedicar a pensar sobre o ensino de arte na escola do e no campo, considerando as perspectivas atuais. Por fim, iremos refletir acerca da avaliação de processos de aprendizagem em arte.

O estudo ainda inclui uma síntese em tópicos da unidade, com atividades que envolvem o pensar/produzir/compreender arte, potencializando cada uma destas três dimensões, a partir de uma reconstrução de saberes de forma pessoal.

Subtópicos:

- 1.1. Algumas considerações históricas sobre o ensino da arte no Brasil
- 1.2. Arte na escola do campo
- 1.3. Avaliação em arte

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O ENSINO DE ARTE NO BRASIL

Antes de adentrar no campo dos encaminhamentos metodológicos acerca do ensino de artes na educação do e no campo, vamos fazer uma breve contextualização histórica sobre a presença da arte nas escolas brasileiras.

A primeira observação é que as publicações que apresentam o panorama histórico sobre o ensino de arte no Brasil, referem-se a marcos que aconteceram fora do estado do Amazonas, principalmente na capital paulista.

A segunda observação é a distância temporal do surgimento do primeiro curso superior de artes em uma universidade pública local: Licenciatura em Educação Artística, no ano de 1980, na Universidade do Amazonas – UA, hoje Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

Este acontecimento foi oriundo de um movimento que iniciou com o Conservatório Amazonense de Música Joaquim Franco – 1965, subordinado à Secretaria de Educação e Cultura do Amazonas, posteriormente transferido para a universidade.

**Figura 1:** Registro da assinatura da transferência do Conservatório de Música para a Universidade do Amazonas



**Fonte:** Faculdade de Artes (2024)<sup>1</sup>

A oferta oficial do curso se deu em 1981 com abertura de 30 vagas e a partir de 1984 alterou a habilitação para formação em Desenho e Música. O cenário amplia as possibilidades de formação de professores de artes com a criação da Universidade do Estado do Amazonas – UEA e a oferta dos cursos de dança e música em 2001 e o curso de teatro em 2010.

Além dos cursos específicos de licenciatura em artes, que formam professores para atuar nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, os cursos de pedagogia possuem em seu currículo componentes pedagógicos relacionados ao ensino de arte para a educação infantil e séries iniciais, discussão que vamos adentrar na próxima unidade.

Voltando ao contexto nacional, nosso caminho de estudos lança olhar para a análise da professora Ana Mae Barbosa sobre os propósitos, métodos e conteúdos relacionados ao ensino de arte no Brasil no século XIX, constatando como estes se apresentavam até o início do século XX, considerações estas realizadas entre 1974 e 1975, a partir de sua pesquisa em escolas públicas de São Paulo.

O primeiro recorte apontado por Barbosa (2012) para observarmos é a prioridade dada ao ensino superior em detrimento da educação básica no período do reinado, império e início da república no Brasil, bem como seu propósito:

A importância prioritária dada ao ensino superior teve como causas principais, durante o reinado e o império, a necessidade de formar uma elite que defendesse a colônia dos invasores e que movimentasse culturalmente a Corte, enquanto que durante os primeiros anos da República, foi a necessidade de uma elite que governasse o país o que norteou o pensamento educacional brasileiro (Barbosa, p. 16, 2012).

Neste sentido, os primeiros cursos superiores para dar conta desta diretriz foram os militares, médicos e a Academia Imperial de Belas-Artes (com preceitos franceses de criação tendo a arte tratada como adorno) no reinado, logo sendo valorizado o curso de direito na República.

Essa estética francesa contrastava com a proposta popular do barroco-rococó brasileiro, sendo valorizada por aqueles que queriam destaque social. Outro ponto que desqualificava as atividades manuais eram os ecos da educação jesuítica que evidenciava a literatura.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://faartes.ufam.edu.br/nossa-historia.html>

Com a expulsão dos Jesuítas e a reforma educacional por Marquês de Pombal, as artes manuais, as ciências e a técnica foram agregadas no currículo e, com isso, o desenho ganhou peso no ensino de arte. É notório que as profissões técnicas e científicas também influenciaram o ensino de arte com a perspectiva do desenho geométrico.

Muito embora no Brasil houvesse os encaminhamentos pré-modernistas nas escolas primárias, secundárias e superiores, heranças da Academia de Belas-Artes e, principalmente o desenho, ainda eram base para as aulas de arte.

Em 1971, a LDB - Lei de Diretrizes e Bases - institui a inclusão da arte na educação básica com o termo Educação Artística. Apesar de termos um avanço na legislação quanto ao ensino de arte na escola brasileira, esta forma estabeleceu sua presença como atividade e ainda uma tendência polivalente para com as práticas artísticas em sala de aula - integrando as modalidades artísticas -, o que fez com que não fossem contemplados conhecimentos específicos acerca de cada linguagem.

No texto do documento, temos:

Art. 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º [ensino fundamental] e 2º [ensino médio] graus (Brasil, 1971, grifo nosso).

Apenas a partir de 1996 com novas diretrizes da LDB, é que passamos a tê-la como componente obrigatório na legislação educacional brasileira, e assim o reconhecimento da importância da arte no currículo da escola básica, pois a trouxe como área de conhecimento. Grandes questões como o perfil dos professores e o modo como esse processo é operacionalizado nas escolas, acabaram pesando na abordagem de uma linguagem em detrimento de outra ou na compreensão da arte como ferramenta de outras áreas.

O texto original da LDB de 1996 trazia: “§ 2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (Brasil, 1996). Redação atualizada para: “§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (Brasil, 2017).

Este direcionamento é complementado no parágrafo subsequente com as informações: “§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (Brasil, 2016).

Entender que estas transformações derivam de movimentos sociais, políticos, pedagógicos e filosóficos é um passo importante para analisá-las. As professoras Ferraz e Fusari (2009) agregam com seus pontos de vistas:

A fundação de centros artísticos como a Escola de Belas-Artes no Rio de Janeiro, o Conservatório Dramático em Salvador, e a presença da Missão Francesa e de artistas europeus de renome, definiram nessa ocasião a formação de profissionais de arte ao nível institucional. No século 20, foram muitos os fatores sociais, educacionais e culturais a influir no ensino artístico. O início de movimentos modernistas como a “Semana de 22”, a criação de universidades (anos 30), a manifestações das Bienais de São Paulo a partir de 1951, dos movimentos universitários ligados à cultura popular (anos 50/60), da contracultura (anos 70), a introdução do ensino de pós-graduação em arte (anos 70), a organização profissional e a criação de associações de arte-educadores (a partir dos anos 80), entre outros, acompanharam o ensino de arte em sua expansão na educação formal e outras experiências (em museus, centros culturais, escolas de arte, conservatórios, etc.). Desde o final do século passado, o debate mais eloquente é da globalização, o desenvolvimento tecnológico influenciando a educação, e as teorias da recepção e da crítica cultural. Conseqüentemente, as novas orientações educativas, incluindo a arte, estão conectadas com as mudanças, propondo encaminhamentos que consideram o ser humano em seus aspectos singulares e múltiplos, consciente de sua condição como cidadão do planeta, mas também preparado para as transformações e para ser transformador e integrado em sua cultura (Ferraz; Fusari, 2009, p. 37-38).

Outra importante influência no ensino de arte, diz respeito à abordagem triangular pontuada pela professora Ana Mae Barbosa. Pensar o ensino a partir da prática artística, contextualização e apreciação, é presente até hoje nas discussões sobre as aulas de arte na escola. Na perspectiva da arte-educação, a qual o estudante não é obrigatoriamente um futuro artista, mas como um sujeito capaz de criar e ler diferentes manifestações, percebendo a pluralidade cultural no mundo, a ideia é que ele tenha contato com o maior número de experiências e se coloque crítica e criativamente no meio em que o cerca.

Um dos documentos mais recentes que traz novas diretrizes para o ensino de arte é a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que aponta, para além das quatro linguagens dança, música, artes visuais e teatro, a perspectiva da linguagem audiovisual e, ainda, a menção às artes integradas, que são aquelas que “explora[m] as relações e articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação” (Brasil, 2018, p. 197).

O documento cita ainda objetos de conhecimento, habilidades e competências relacionando-os à abordagem das linguagens artísticas de modo a contemplar as seis dimensões do conhecimento da experiência artística: criação, crítica, estesia, expressão, fruição, reflexão,

que de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. Não se trata de eixos temáticos ou categorias, mas de linhas maleáveis que se interpenetram, constituindo a especificidade da construção do conhecimento em Arte na escola. Não há nenhuma hierarquia nestas dimensões, tampouco uma ordem para se trabalhar com cada um no campo pedagógico (Brasil, 2018, p. 194).

Entendendo que há especificidades de cada linguagem e também considerando os diálogos e aprofundamentos possíveis com a inclusão da arte na legislação escolar, cabe ao professor que irá ministrar as aulas de arte, conhecer e fazer reconhecer a arte como fonte de conhecimento, saberes presentes “tanto como parte do processo de produção artística, do fazer e do criar, como do entendimento da sociedade e do contexto em que a obra se insere” (Zagonel, 2008, p. 38).

## **ARTE NA ESCOLA DO CAMPO**

Agora que acompanhamos o panorama que tornou o ensino de arte obrigatório no Brasil, vamos situar alguns caminhos que fundamentam o ensino de arte na escola, assim como os pontos que o relacionam à educação do campo.

O primeiro apontamento que trago é sobre a potencialidade cultural presente no campo que pode ser explorada nas aulas de arte, no conhecer os povos, modos, crenças, valores, construções, e assim visualizando as formas de criar, pensar e ler o mundo e se relacionar com o meio.

Este processo tende a desenvolver uma atuação crítica e sensível aos contextos locais, de forma a agregar na construção destes saberes e valorizar experiências próximas.

Outra potencialidade da aula de arte se encontra no sujeito em se perceber criador. Ao criar, o sujeito experimenta associações, adaptações, arranjos, abrindo-se a descobertas e à valorização de seus achados. Por sua vez, possibilita entender os meandros de um processo criativo, valorizando além de sua criação pessoal, a coletiva.

O fim de qualquer ensino de Arte deve prever sempre a construção, o que significa partir da apreciação consciente e ativa, da exploração e da tomada de consciência do meio e, então, pela escolha e elaboração do material, estabelecer relações entre eles e dar-lhes forma, o que resultará numa criação artística (Zagonel, 2008, p. 92).

Neste tipo de construção, a arte é o elemento eixo da produção de saber, não se trata de um fazer pelo fazer, ou uma teoria sem relação com o objeto artístico, consiste

em uma prática constituída pelas dimensões do conhecimento em arte (expressão, estesia, crítica, fruição, criação, reflexão) que se interpenetram e produzem a experiência artística.

Hoje muitas concepções convivem em um mesmo espaço pedagógico, e o ensino de Arte passa a ser visto como meio de expressão e como área de conhecimento, buscando-se também a contextualização do aluno e das artes na sociedade e na história (Zagonel, 2008, p. 78).

E assim chegamos em um lugar comum entre o ensino de arte e a educação do e no campo, a relação com o meio, pois,

as diferentes linguagens artísticas possibilitam aos estudantes diversas leituras de mundo imbricadas entre si e em movimentos dialógicos constantes entre pessoas, tempos e espaços. As diversas leituras de mundo via diferentes linguagens – não somente a verbal – possibilitam conhecer, reconhecer, ressignificar e, sobretudo, impregnar de sentidos a vida em sociedade (Marques, 2012, p. 27).

E o modo deste processo acontecer é através do cerne da aula de arte: o objeto artístico, que pode ser a criação dos alunos, uma reprodução de obra ou uma obra/processo propriamente dita(o) de outro(s). Neste sentido, cabe ao professor de arte oferecer e promover espaços de criação e recriação de “arte produzida e manifesta em sociedade” (Marques, 2012, p. 53).

Ora, temos nas bases das diretrizes curriculares da pedagogia da alternância - que contemplam a organização dos processos formativos das comunidades do campo e outros grupos sociais - um olhar para as especificidades destas comunidades, compreendendo a “formação, educação e orientação [objetivando] o desenvolvimento integral do estudante [,] considerando as dimensões cognitiva, afetiva, estética, ética, física, cultural, ecológica e social (Brasil, 2023, p. 2).

**Figura 2:** Obra O pescador de Tarsila do Amaral (1925)



**Fonte:** UNESP<sup>2</sup> (2023).

A partir destes pressupostos, podemos pensar práticas interdisciplinares com a arte explorando a relação com o ambiente natural, práticas sociais, saberes tradicionais, entre outras construções culturais. Entendendo a arte como área de conhecimento (discussão que será ampliada na próxima unidade), as linguagens artísticas permitiriam aos estudantes avaliarem e produzirem saberes enraizados na sua cultura.

Ensinar Arte, arte que dialoga com sua história [do professor], arte que dialoga com a história dos estudantes (ethos); arte que se percebe como construção da linguagem (techné). Arte que lê outros trabalhos para criar, que cria/lendo para que outros trabalhos sejam lidos pelos outros, transformados pelo outro (episteme). Arte que transforma criadores/leitores de arte em leitores/criadores de arte (poiesis). Isso é ético, e isso é político (Marques, 2012, p. 149).

A autora levanta a dimensão política de práticas artísticas na escola, pois fazer arte envolve uma (re)criação de si e de seu lugar no mundo, que balizada em uma linguagem abrange saberes (históricos, sociais, culturais) sobre ser no “seu lugar”, por

---

<sup>2</sup><https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381358/33/O%20Pescador%2c%201925%2c%20%2c3%93leo%20sobre%20tela%20-%20Tarsila%20do%20Amaral.JPG>.

consequência, agregando valores éticos e políticos, uma vez que considera a vida em sociedade.

Contemplando as capacidades cognitiva, imaginativa e criativa, o conhecimento em arte propõe e acontece a partir do diálogo com o sujeito do campo e suas raízes, seu entorno, articulando saberes e práticas e a criação de sentidos.

Organicamente, o papel do professor de arte assume importância na construção do conhecimento na educação do campo, pois se alimenta da cultura local e atua assim, na perspectiva da valorização dela, seja como tema, como materialidade, como fruição ou como expressão, conforme veremos possibilidades na Unidade 3.

## **AValiação em arte**

*- Eu só queria saber que caminho tomar, pergunta Alice.*

*- Isso depende do lugar aonde quer ir, diz o Gato tranquilamente.*

*- Realmente não importa, responde Alice.*

*- Então não importa que caminho tomar. Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve.*

Lewis Carol

Geralmente associado ao momento do planejamento das aulas, trago este trecho da obra literária *Alice no país das maravilhas* para refletirmos qual conhecimento queremos construir junto aos estudantes? Visto que será a partir dos objetivos estabelecidos no plano de ensino que vamos analisar se eles foram alcançados.

Pensar a avaliação em arte envolve pensar sobre a atuação como professor de arte, levando em consideração que no planejamento acionamos conhecimentos e experiências deste campo de saber. Ou seja, tudo o que pensamos e sabemos (sobre arte) vem à tona durante o planejamento, sem perder de vista o contexto que trabalhamos: os estudantes, a escola e a sociedade (Zagonel, 2009, p. 45), no nosso caso, na escola do campo.

Esta relação traz à tona outro aspecto a ser considerado na avaliação e também no planejamento: acompanhando o processo de aprendizagem dos estudantes, o ajuste necessário no percurso didático para que ele dê conta dela.

No que concerne ao ensino de arte e ao nosso contexto de atuação: Como avaliar nesta área? Como pensar a avaliação em cada linguagem específica? E pensando como sujeito: O que conheço sobre arte? Que tipo de arte gosto? Quais as produções artísticas da minha cidade?

Avaliar em arte pressupõe ter a compreensão dos saberes envolvidos e para cada linguagem artística, a elaboração de formas específicas de avaliar e, principalmente, junto aos estudantes, verificar qual o nível de conhecimento e experiência sobre arte eles possuem, para assim elaborar uma intervenção pedagógica, pensando diferentes indicadores de avaliação.

Marques (2012) pontua que para objetivar a subjetividade da avaliação em arte, ou seja, para organizar critérios objetivos para um “fenômeno diretamente ligado às pessoas, às subjetividades e ao contexto em que estão inseridos o trabalho artístico, o artista e o avaliador” (p. 111), faz-se necessário o conhecimento em arte, o que nos leva de volta às questões levantadas acima.

Mas o que aprendemos sobre a arte e com a arte? Não vamos encontrar como resposta algo que vá contribuir para o “mercado”, ao menos não diretamente. Estamos falando aqui de um ensino de arte como proposição de

reconstrução e reforço de outros valores, valores presentes no ato de criação desinteressada, da apreciação prazerosa, do conhecimento que amplia horizontes e multiplica leituras de mundo.

Fazer, não para vender. Realizar, não para possuir. Dedicar-se, não por um pagamento. Construir, não pela utilidade. [...] Conhecer, não para competir. Unir-se a outros, não pelo retorno individual, mas pela construção de algo maior que as individualidades e de posse socialmente coletiva (Marques, 2012, p. 33).

Partindo do pressuposto da educação para todos e da cultura como um direito, o ensino de arte, na perspectiva de sensibilizar à pluralidade cultural brasileira e internacional, tem na avaliação diagnóstica melhores parâmetros, tanto para os professores, quanto para os alunos, para modificarem suas ações em busca da aprendizagem (Zagonel, 2009, p. 39). Ou seja, a avaliação auxiliando o professor no “reconhecimento dos caminhos percorridos e identificação dos caminhos a serem perseguidos” (Luckesi *apud* Ferraz; Fusari, 2009, p. 122).

Pensando na definição de critérios como premissa necessária para elaborar a forma de avaliação em arte, considerar as especificidades das linguagens direciona para além das competências e habilidades a serem trabalhadas, o acompanhamento da construção e reconstrução de saberes em arte.

Em música, por exemplo, na intenção de desenvolver expressão e comunicação, as bases das práticas partem da apreciação (escuta, compreensão), análise (música como produto cultural) e fazer musical (interpretação, improvisação e composição). Ou seja,

tomando a avaliação diagnóstica como caminho, e considerando o objetivo citado, são definidas as ações (práticas em música) e continuamente verificamos se houve construção de conhecimento.

Descrevendo possibilidades de avaliação em música, Zagonel (2009) cita dentro do campo do fazer musical, em uma atividade de interpretação, o critério de avaliar a musicalidade ao interpretar sons do corpo. Da mesma forma, o professor procederá nas aulas que terão como objeto de conhecimento as linguagens da dança, do teatro e das artes visuais.

Na dança, iniciar por uma observação primeira do contexto social e cultural dos estudantes, história de vida e postura corporal, considerando o corpo como mediador desta relação (Zagonel, 2009, p. 60), para entender a forma como o corpo se coloca em movimento no espaço, e então solicitar determinada qualidade e/em determinado tempo, interação com objetos e outros corpos.

No teatro, a expressão dramática e em jogo, fazendo uso de expedientes da cena (maquiagem, iluminação, sonoplastia, figurino) ou não, entendendo que o teatro é uma ação coletiva, a interação com todos os envolvidos e principalmente a figura que torna o fenômeno possível: o espectador, para além de reconhecer os diversos teatros.

Nas artes visuais, fazer conhecer os elementos básicos de uma obra e as diferentes manifestações desta linguagem (fotografia, arquitetura, desenho, pintura...), podendo ser avaliado o material empregado, a forma como o estudante apresenta seu trabalho ou mesmo, os argumentos que ele faz uso para defender seu processo (Zagonel, 2009, p. 102).

Assim, a partir de cada linguagem, o professor pode definir critérios de avaliação em arte.

Com referência ao ensino e aprendizagem em arte, o ato avaliativo não pode ser uma simples mensuração de produtos finalizados. Isso porque nem sempre o resultado de um trabalho em arte reflete os procedimentos e as motivações presentes em seu surgimento [...] Em suma, organizar um contínuo reconhecimento de “indicadores” das transformações existentes e das que precisam ainda acontecer nos modos de pensar e de fazer com relação à arte e à educação escolar de crianças em arte é uma das desafiantes tarefas do professor (Ferraz; Fusari, 2009, p. 123).

Neste sentido, a elaboração de um plano de ensino de arte, requer conhecimento específico na área, demandando pesquisa e compreensão vivencial de práticas artísticas, para além dos conhecimentos em educação e seus processos.

**Figura 3:** Bloco de notas da oficina Caderno-obra de Daniely Peinado (2021)



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

Como última sugestão, a ideia de um registro escrito das reverberações poéticas da arte, pode ser um grande aliado do professor para avaliar os processos criativos dos estudantes e o seu como docente. As memórias das aulas e das práticas vivenciadas, direcionadas pelo professor, podem descrever as formas temporárias e refletir as experiências com a arte.

## **SÍNTESE DA UNIDADE**

Nesta primeira unidade, vimos que os registros históricos do ensino de arte no Brasil mais difundidos tratam acontecimentos de outras regiões. O primeiro curso de licenciatura em artes no Amazonas data de 1980 – Licenciatura em Educação Artística - na Universidade Federal do Amazonas, sendo reforçada pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA a partir de 2001 com os cursos de dança e música, e em 2010, com o curso de teatro. Além dos cursos específicos de artes, os cursos de pedagogia ofertam componentes pedagógicos de arte em seus currículos.

Na análise da professora Ana Mae Barbosa, durante o período do Reinado e Império no Brasil, a preocupação com o Ensino Superior em detrimento da educação básica vinha da necessidade da formação de uma elite que governasse o país. Este encaminhamento influenciou o ensino de arte, visto que a referência desta formação era

européia. Assim, padrões franceses e a visão da arte como mero adorno limitavam a educação para/com as artes.

Mesmo com a inserção de artes manuais e o canto, para além das artes plásticas, estas práticas tinham visão tecnicista e de atividades secundárias. Apenas em 1971, a arte é incluída oficialmente nos currículos escolares com a ideia de Educação Artística, termo que designa os cursos superiores da área e que institui uma atuação polivalente do professor em sala de aula.

A partir de 1996, a arte passa de atividade a componente obrigatório no currículo da educação básica, ganhando o reconhecimento de área de conhecimento com menção às quatro linguagens: dança, música, arte visuais e teatro. Neste contexto, surgem as licenciaturas específicas de cada área e também é difundida a proposta triangular de ensino de arte que pensa a aula em três momentos: fazer, apreciar e contextualizar a arte.

O direcionamento mais recente para o ensino de arte está na BNCC que traz além das dimensões do conhecimento em arte (criação, crítica, estesia, expressão, fruição, reflexão), a linguagem do audiovisual e também das artes integradas.

O último tópico suscita reflexões para pensar a avaliação em arte, apontando para além da atenção às linguagens específicas, uma ponderação sobre a avaliação diagnóstica abarcando o caráter processual da arte.



#### **LEMBRE-SE**

A abordagem triangular do ensino de arte se pauta na contextualização artística, apreciação e produção, sem sequência rígida para a ordem dos momentos.



#### **SAIBA MAIS**

##### **BNCC**

Conhecer a Base Nacional Comum Curricular é uma ação importante para organizar o pensamento crítico para o encaminhamento das aulas, pois ela é um documento normativo que norteia os currículos da educação básica na atualidade.

Saiba mais acessando pressupostos atuais sobre o ensino de arte.

**Fonte:** Brasil

**Disponível em:** <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.



## GLOSSÁRIO DA UNIDADE I

1. **Bienais de São Paulo** - Evento de exposição de artes que acontece de dois em dois anos desde o ano de 1951.

2. **Semana de 22** - Também conhecida como Semana de Arte Moderna (São Paulo), foi uma manifestação artístico-cultural que reuniu várias linguagens apresentando obras que rompiam com a forma acadêmica e propunha uma visão brasileira de criar arte.

3. **Cultura Popular** - Manifestação oriunda de forma ativa do povo.

4. **Belas-artes** - Pode se referir às artes visuais ou ainda a um ideal de beleza contemplativo.

5. **Contracultura** - Movimento de contestação de normas e padrões vigentes de domínio.

6. **Estesia** - aptidão/sensibilidade para a compreensão da arte.

7. **Fruição** - o ato de sentir prazer no desfrute da obra.



## Atividade da Unidade I

### Atividade avaliativa:

Refletir sobre sua trajetória escolar pode ser interessante para pensar quais experiências quer promover como professor(a). Analise as práticas artísticas que vivenciou em sua formação, produzindo um registro com imagens e notas de forma criativa para debater com a turma.

## UNIDADE II

### 2. ARTE E EDUCAÇÃO

#### INTRODUÇÃO

Nesta unidade vamos adentrar no campo da arte, entendendo-a como área de conhecimento, para que possamos pensar o seu ensino. A partir de então, vamos tecer reflexões sobre o que levar em consideração na elaboração de práticas de produção artística, inseridas no contexto social e histórico, de modo a estimular nos indivíduos estudantes, suas capacidades crítica e criativa em arte e na leitura do mundo.

Para realizar leitura de obras de arte, o estudante precisa se aproximar de saberes específicos da linguagem em questão, saberes que podem ser construídos durante sua formação escolar no contato com objetos e fazeres artísticos. Neste sentido, vamos levantar alguns pressupostos acerca de práticas de leitura, contextualização e criação artística.

Subtópicos:

- 2.1. Arte como área de conhecimento
- 2.2. Leitura e releitura na arte
- 2.3. Práticas de criação artística

## ARTE COMO ÁREA DE CONHECIMENTO

Na unidade anterior, vimos quando a arte foi inserida na educação básica como componente curricular. Na atualidade, a BNCC a aloca na área de Linguagens e suas Tecnologias, ao lado da Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Educação Física e, ainda, Tecnologias da Informação e Comunicação.

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (Brasil, 2017, p. 193).

Conhecer cada uma destas linguagens, amplia o repertório expressivo e de leitura de mundo, com olhares plurais, acessando diversas referências, conhecendo, reconhecendo, criando sentido e ressignificando a vida em sociedade.

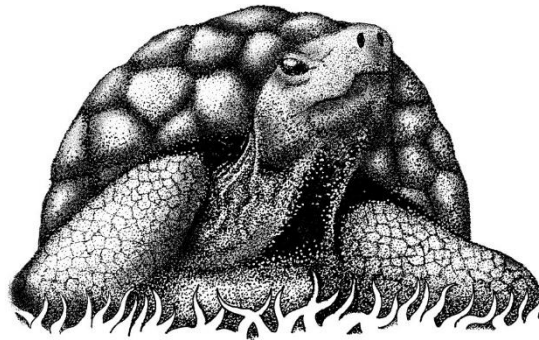
As linhas, as cores, texturas, volumes propostos pelas artes visuais abrem-nos para leituras dos mundos de imagens em que vivemos. As formas, a ocupação do espaço, as qualidades do movimento presentes na linguagem da dança, abrem as portas para o corpo interagir com o mundo, para o ser corpóreo que somos. Os timbres, ritmos, melodias da linguagem da música, por sua vez, abrem as janelas dos sons, das diversas paisagens sonoras que compõem o nosso cotidiano. Com a linguagem do teatro, abrimos as portas das relações interpessoais, como atuantes na construção do tempo/espaço cênicos. A visualidade, a sonoridade e a forma das palavras tomam novo sentido sociopolítico-cultural ao estudarmos a linguagem da poesia (Marques; Brazil, 2012, p. 28).

Cada uma das linguagens artísticas oferece subsídios para o diálogo com a infinidade de imagens do mundo, imagens criadas e imagens da natureza. Esse exercício nos põe abertos a vivenciar a pluralidade cultural que é viver em sociedade.

As artes visuais exploram diversos aspectos das imagens: cores, texturas, formas, e nos convidam a apreciá-las sob múltiplos pontos de vista. Acessar determinados conteúdos pode direcionar nossa percepção para outros elementos, construindo “novos olhares” diante da cultura visual que nos cerca.

O ponto, por exemplo, que é um dos elementos da linguagem visual. Com ele tudo começa, pode-se obter efeitos de luz e sombra, volume ou profundidade com a presença de vários pontos (Bueno, 2008, p. 25).

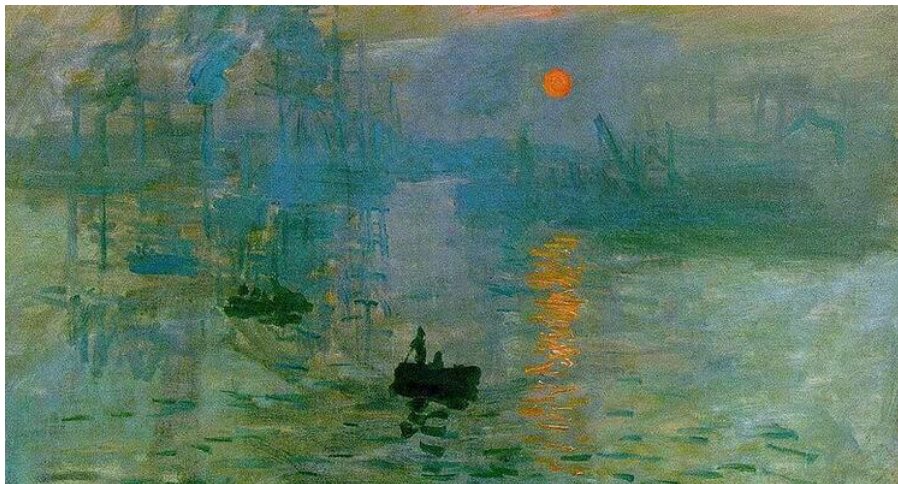
**Figura 4:** Desenho com técnica de pontilhismo



**Fonte:** Grafitti Artes (2021)<sup>3</sup>

A técnica conhecida como pontilhismo, foi desenvolvida no final do Impressionismo, um movimento artístico que iniciou na França no final do século XIX, mais especificamente no período entre 1874 e 1886, que propunha a captação do efeito da luz solar na natureza. Vale destacar, que a fotografia surge neste período, o que potencializou o movimento, pois os artistas se viram livres das regras impostas pelas escolas vigentes e foram pintar ao ar livre. Por vezes, os artistas pintavam em distintas horas do dia a mesma imagem.

**Figura 5:** Obra *Impressão: nascer do sol* de Claude Monet (1872)



**Fonte:** Wikipédia<sup>4</sup>

Para além do ponto, temos a linha, superfície, luz, cor e volume, elementos “responsáveis pela determinação estética dentro da obra de arte” (Bueno, 2008, p. 35).

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://blog.grafittiartes.com.br/como-fazer-desenhos-com-pontilhismo/>.

<sup>4</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Impress%C3%A3o,\\_nascer\\_do\\_sol](https://pt.wikipedia.org/wiki/Impress%C3%A3o,_nascer_do_sol).

Na próxima unidade iremos explorar na prática o ponto, a cor, a superfície e a linha com os grafismos indígenas.

Por ora, vamos seguir nosso passeio por mais uma linguagem artística: a música. Como já dito anteriormente, pensar o ensino de arte envolve o estudo dos conteúdos da área. Para isso, partamos então do conceito de música, ou pelo menos do que você entende por música. Tavares e Cit (2008) apontam para um conceito de música como sendo “o uso do som pelo ser humano” (p. 18).

A partir desta afirmação, o canto dos pássaros, o barulho das águas, o vento nas folhas, não são música, mas se alguém assim quiser e fizer, estes sons podem vir a ser música. As autoras colocam que se há um ser humano “compondo, ouvindo, afirmando ou definindo”, os sons adquirem status de música (Tavares; Cit, 2008, p. 18).

Mas para que o homem cria música? As obras de arte são manifestações que expressam formas de pensar a realidade humana. Neste sentido, a música é uma forma de representação do mundo através de sons e silêncios (Tavares; Cit, 2008). Em músicas contemporâneas, mesmo os ruídos, quando organizados, se tornam música para nossos ouvidos.

Refletindo sobre o que ensinar da linguagem musical, pode-se explorar as sonoridades locais e manifestações da cultura popular, pois considerar a realidade do educando é um interessante ponto inicial. A partir daí, construir uma contextualização: quem criou a música? Quando? Quem canta? Faz uso de quais instrumentos? Uma escuta coletiva pode ser um momento prazeroso acompanhada desta exploração. Havendo condições, a produção de sonoridades agrega valor à aula com música.

Chegando à linguagem da dança, embora pareça óbvio, precisamos tomá-la como experimentação teórico-prática. O que isso quer dizer? Adianta dizer que, não se trata de uma exclusividade da dança, mas de uma premissa do ensino de arte: ensinar arte com arte. Ou seja, assim como em uma aula de língua portuguesa, a escrita e a fala são o meio e o fim, em uma aula de arte, o objeto de arte é imprescindível.

Sendo assim, a abordagem da dança em sala de aula não deve ser por outro caminho senão o da experimentação do corpo em movimento, além de aspectos da história da dança com elementos da dança e técnicas de aplicação, amalgamando o ensino de dança na escola.

Cotidianamente, somos cercados pela presença da arte em nossas vidas. Aliás, já pararam para fazer o exercício imaginário de pensar nossas vidas sem arte, sem o jogo de

cores, texturas, formas, sons, movimentos? Não é diferente com a dança, ela é uma manifestação inerentemente humana, desde as primeiras civilizações.

Agora, consideremos pensar na dança para além do lazer, como forma de comunicação humana, ou seja, considerando parte do conhecimento artístico a produção e a fruição, quem faz e quem assiste. E é “nesse momento que o fenômeno artístico atinge o fenômeno educacional, ao produzir significado no fazer artístico” (Tadra, 2009, p. 51-52).

Nosso corpo se comunica pelo movimento, existimos em movimento. Então, faz sentido fazer uso da linguagem do corpo em movimento e escutar o que os estudantes têm a dizer sobre eles mesmos, sobre a dança e com a dança.

Outro caminho possível, se faz com a linguagem do teatro. Seus fundamentos, particularidades e especificidades nos oferecem um mundo de experimentação, o qual podemos explorar na sala de aula com os estudantes.

O jogo de cena é um espaço de vivências outras que nos permite criar outras realidades, elaborar narrativas, experimentar soluções, convencionar regras, e em uma criação essencialmente coletiva.

Desde bem pequenos, ouvimos histórias e nada mais pedagógico do que se colocar de corpo inteiro em algo, especialmente quando se trata de engajamento na contação de uma história e até mesmo na contação de sua própria história. Ao narrar, o estudante se vê valorizado e enquanto escuta, se propõe a valorizar o outro, no exercício de atuante e espectador, figuras determinantes do fenômeno teatro.

Em todas as linguagens artísticas, o embasamento na abordagem triangular do ensino de arte com momento de contextualização - que corresponde à atividade de conhecer a arte inserida em um tempo e espaço, que pode ser histórico, poético e/ou de linguagem - explorar características dos movimentos artísticos, de artistas ou mesmo das técnicas e formas das obras de arte é um caminho muito fértil para o professor.

Há que se pensar ainda, nos momentos de criação artística, que propiciam a experimentação de recursos e elaboração de ideias em formas concretas, desenvolvendo o potencial criativo dos estudantes. E por fim, as atividades de leitura de obras, que demandam habilidades do senso estético, relacionadas à qualidade e sentido construídos na análise de objetos de arte.

Ainda que de forma concisa, tenhamos tido uma breve contextualização das quatro linguagens, veremos agora com mais detalhes os dois últimos momentos da abordagem

triangular, acrescidos da possibilidade de releitura de obras artísticas, caminho que necessita passar pela leitura e criação artística.

## LEITURA E RELEITURA NA ARTE

Olhar, reparar tudo em volta, sem a menor intenção de poesia.  
Girar os braços, respirar o ar fresco, lembrar dos parentes  
Lembrar da casa da gente, das irmãs, dos irmãos e dos pais da gente.  
Lembrar que estão longe e ter saudades deles...  
Lembrar da cidade onde se nasceu, com inocência, e rir sozinho.  
Rir de coisas passadas. Ter saudade da pureza.  
Lembrar de músicas, de bailes, de namoradas que a gente já teve.  
Lembrar de lugares que a gente já andou e de coisas que a gente já viu.  
Lembrar de viagens que a gente já fez e de amigos que ficaram longe.  
Lembrar dos amigos que estão próximos e das conversas com eles.  
Saber que a gente tem amigos de fato!  
Tirar uma folha de árvore, ir mastigando, sentir os ventos pelo rosto...  
Sentir o sol. Gostar de ver as coisas todas.  
Gostar de estar ali caminhando. Gostar de estar assim esquecido.  
Gostar desse momento. Gostar dessa emoção tão cheia de riquezas íntimas.

Manuel de Barros

Desde nossos primeiros anos de vida, muitas imagens nos cercam e estimulam nosso olhar. Com pouco tempo de vida, já reconhecemos nossos pares e atribuímos sentido aos nossos objetos e um pouco mais tarde, os nomeamos e assim, a leitura de mundo se dá antes da leitura da palavra (Freire, 1989). No entanto, não demora muito para perdermos este olhar atento a tudo.

Como estudo, iremos tecer algumas reflexões e propor um exercício para tornar possível uma leitura de obras de arte, e se não, ao menos atentar para deixar-se afetar,

parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Bondía, 2002, p. 24).

Deixar-se afetar pelas maneiras de expressar a realidade de artistas de diferentes tempos, lugares, escolas, experimentar materialidades, apreciar formas variadas de criar,

conhecer contextos. Quando nos aproximamos, estabelecemos pontes, criamos laços a partir de nossas referências.

Observe a foto abaixo e tente responder as questões, com que material a pintura foi feita? Qual a motivação de quem o fez? Como você nomearia este quadro? Descreva o que você vê. Será que depois de conhecer a história por trás desta obra, seu ponto de vista vai mudar? Só vamos saber depois de assistirmos o vídeo na atividade complementar. Após o vídeo, retomaremos este exercício.

**Figura 6:** Pintura



**Fonte:** Emerique; Paixão (2019)<sup>5</sup>

Para além dos aspectos formais, daquilo que a imagem objetivamente apresenta, os sentimentos que a obra provoca, as qualidades presentes no material utilizado, o que a obra representa, o estilo a que ela pertence, a visão de quem observa a obra, o valor institucional que é ou não empregado na obra, o valor comercial atribuído à obra, o valor do tempo, o prazer estético que ela causa, agregam pontos de vistas a um objeto de arte (Costella, 1997).

Nas artes visuais esta ação se dá pela leitura de imagem, na dança e no teatro ao assistir presencialmente, ou pela tela, coreografias, montagens teatrais ou performances, e na música se dá pela escuta, agregando aspectos formais e emocionais envolvidos na compreensão da obra de arte (Barbosa, 2014, p. 338).

Com base nisso, experiências contextualizando elementos das linguagens artísticas colaboram para uma compreensão qualitativa de todas as formas de expressão de arte: danças, teatros, músicas, pinturas, fotografias, vídeos, de variadas culturas além das próprias produções dos estudantes.

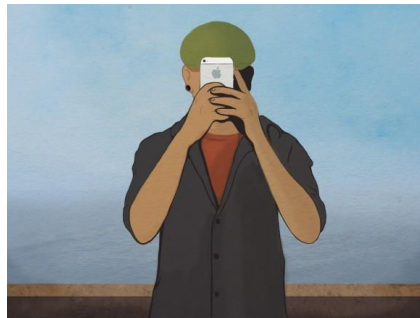
---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://youtu.be/d8CMODYDXxk>.

Outra possibilidade a partir da apreciação de trabalhos artísticos é o que chamamos de releitura de obra. Se na leitura nos aproximamos dos processos e dos próprios artistas, na releitura podemos criar uma nova obra a partir da original, com elementos diferentes.

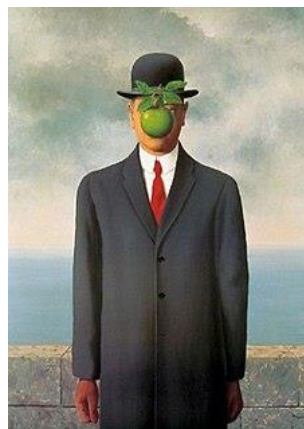
A releitura pode ressignificar a obra, homenagear, atualizando seus elementos, como vemos a seguir:

**Figura 7:** *The son of the future* (releitura de obra)



**Fonte:** Jorge Barros<sup>6</sup>

**Figura 8:** O filho do homem de René Magritte (1964)



**Fonte:** Wikipédia<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://somentecoisaslegais.com.br/arte/artista-brasileiro-faz-releituras-2-0-de-obras-classicas-do-surrealismo>.

<sup>7</sup> Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Son\\_of\\_Man](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Son_of_Man).

## PRÁTICAS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA

A prática artística pode se dar de diversas formas. Como observado por Rizzi (2014), no teatro a escrita da dramaturgia, a atuação, a direção, a produção, a iluminação, a sonoplastia, a criação do figurino, são ações do fazer artístico. Assim como na dança: coreografar, dançar, dirigir, produzir, como na música: compor, executar, reger, cantar e nas artes visuais: desenhar, pintar, esculpir, gravar, fotografar, performar, conceituar, criar novas mídias, fazer instalações, intervenções, também são.

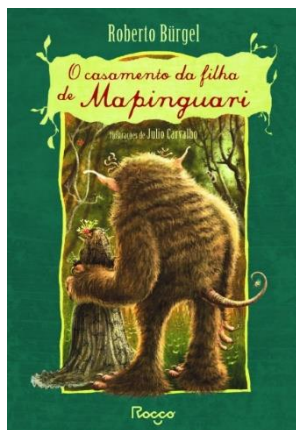
Como inspiração de prática artística, cito a exploração de contação de histórias e/ou literatura regional nas aulas de artes. Em um exemplo prático: Você já ouviu falar da história do Mapinguari? A Cia Vitória-Régia de teatro que atua há 40 anos e tem sede em Manaus, montou o espetáculo *O casamento da filha do Mapinguari*, adaptação da obra homônima de Roberto Bürgel.

Acompanhemos a sinopse do livro abaixo:

Esta história aconteceu lá na Amazônia, que é floresta pra ninguém botar defeito. Aqueles matos não têm rei, têm dono. E o dono é o gigante Mapinguari. Um bicho tão feio, mas tão feio, que quem o vê fica paralisado, durinho da silva. Os animais solteiros da floresta estão em polvorosa: foram todos convocados pelo dono das matas, o gigante Mapinguari, que decidiu casar sua filha única. Ninguém nunca viu o rosto de Lua Nova e dizem por aí que ela é tão feia quanto o pai. Mas nenhum bicho é maluco de contrariar um gigante (Bürgel, 2021).

Contar ou encenar histórias pode compor um projeto pedagógico que agregue todas as linguagens, pois pensar sonoridade, cenário, figurinos, narrativa é um processo que precisa de tempo e espaço para acontecer.

**Figura 9:** Capa do livro *O casamento da filha do Mapinguari*



**Fonte:** Editora Rocco (2021)<sup>8</sup>

Observe algumas imagens-referência que podem compor o repertório desta história:

**Figura 10:** Casa indígena



**Fonte:** Arno Vogel (1978)<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.rocco.com.br/livro/o-casamento-da-filha-de-mapinguari/>.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://mirim.org/pt-br/como-vivem/casas>.

**Figura 11:** Instrumentos musicais para produzir ruídos da mata



**Fonte:** G1 (2008)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL923647-5598,00-SONS+DA+FLORESTA+VIRAM+MUSICA+NO+AMAZONAS.html>.

**Figura 12:** Representação do Bicho Folharal



**Fonte:** Silvio Santos (2018)<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.gentedeopiniao.com.br/colunista/silvio-santos/a-graca-do-personagem-bicho-folharal-no-arraial-por-zekatraca>.

**Figura 13:** Apresentação da Cia Vitória Régia de O casamento da filha de Mapinguari, na Praça Heliodoro Balbi, em Manaus



**Fonte:** Acervo Nonato Tavares (2016)

## **SÍNTESE DA UNIDADE**

Nesta unidade vimos um pouco das especificidades das linguagens artísticas, entendendo de forma ampla a arte como área de conhecimento. A ideia é que conforme se tenha mais propriedade dos modos de produção artística, você, professora e professor, elabore suas propostas pedagógicas em arte.

Apresentamos ainda, a perspectiva de leitura de imagem, tomando obras de arte e aspectos da natureza como inspiração para elaboração das aulas de arte. Como exemplo, trouxe a história do Mapinguari, a partir do ponto de vista da publicação de Roberto Bürgel e da montagem da Cia Vitória Régia de Teatro, somando referências para outras elaborações.

Tivemos também, mais detalhes sobre como pensar práticas de fazer artístico, assim como de contextualização, lembrando sempre que a proposta não tem uma sequência rígida que precisa ser considerada e desta forma, foi reafirmada a potencialidade da proposta triangular como base para o planejamento de aulas de arte.



## SAIBA MAIS

O Prêmio Arte na escola identifica, reconhece e divulga projetos que se destacam na área de Arte em sala de aula. Entenda a proposta do Prêmio Arte na Escola do Instituto Arte na Escola visitando o site da instituição.

**Saiba mais:** <https://www.artenaescola.org.br/>.



## VÍDEOS DA UNIDADE II

### Atividade complementar:

Vídeo - Assista o resumo do projeto Cores do açaí que investe na perspectiva da sustentabilidade e sentido estético realizado pela professora Elsamar Silva do Ensino Fundamental 2, na cidade de Jacundá-Pará. Disponível em: <https://youtu.be/d8CMODYDXxk>.

**Figura 14:** Pintura feita com tinta de açaí



**Fonte:** Emerique; Paixão (2019)<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://youtu.be/d8CMODYDXxk>.



## GLOSSÁRIO DA UNIDADE II

- ✓ Leitura dramática – Leitura em voz alta de um texto com interpretação focada principalmente na voz.
- ✓ Pontilhismo – Técnica que utiliza pontos nos traços do desenho ou pintura.
- ✓ Impressionismo – Movimento artístico que rompeu com a forma de pintar realista, passando a valorizar o olhar do artista e contraste de cor e luz, e cujas pinturas não tinham contornos nítidos.



## Atividade da Unidade II

### Atividade avaliativa:

Atividade: Considerando o estudo da unidade, elabore uma proposta pedagógica de ensino de arte para ser desenvolvida com crianças da faixa etária de sua escolha.

## UNIDADE III

### 3. PROCESSOS CRIATIVOS COMO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

#### INTRODUÇÃO

Nesta última unidade, vamos experimentar a abordagem triangular a partir de processos criativos em arte, com vista a compreender sua aplicabilidade em processos de aprendizagem.

O primeiro tópico recapitula a trajetória construída a partir do momento que a arte é integrada ao currículo escolar e, conseqüentemente, seu reconhecimento como área de conhecimento, com todas as suas especificidades e pluralidade de encaminhamentos possíveis. Como sugestão para o registro de aprendizagem, acrescentamos também a ideia de nuvem de palavras, forma de escrita que exercitamos durante todo o módulo.

Posteriormente, será descrita em forma de oficina, três práticas pedagógicas: em artes visuais, em música e em artes híbridas, levando em consideração a relação com o contexto do campo e suas questões. A primeira irá explorar os elementos do ponto, linha, superfície e cores a partir da observação de grafismos indígenas. A segunda parte da percepção do ambiente sonoro do campo e registro poético em suporte material. E o último será uma exploração no ambiente da natureza, integrando-o a uma obra artística, a partir da ideia de arte da terra e uma questão local discutida coletivamente na aula.

Para finalizar, teceremos as considerações refletidas ao longo deste material e como exercício de memória de estudo: uma síntese da unidade.

Subtópicos:

- 3.1. Retomando noções sobre o ensino de arte em escolas do campo
- 3.2. Oficina de artes visuais, música e artes híbridas

## RETOMANDO NOÇÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE EM ESCOLAS DO CAMPO

Começamos nosso estudo a partir da inclusão da arte nas escolas brasileiras e percebendo implicações e transformações no campo da arte na educação, para pensarmos propostas artístico-pedagógicas na escola atual.

No cenário nacional, a preocupação com a defesa da colônia, o movimento cultural para a corte e uma formação para a elite que governava o país durante o Reinado, o Império e o início da República nortearam por muito tempo a definição dos cursos superiores.

Para dar conta desta diretriz, os primeiros cursos foram os militares, médicos e a Academia Imperial de Belas-Artes (com preceitos franceses de criação, sendo a arte tratada como adorno) no reinado, logo sendo valorizado o curso de direito na República. Com isso, as artes visuais e, no máximo, a literatura tinham espaço como obras e cursos de formação de artes.

Apenas em 1971, a arte é agregada à educação básica como atividade sob o termo de educação artística. A partir deste movimento, no cenário local, a primeira formação superior em arte só aconteceu na UFAM com o curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em desenho e música, na década de 80. E apenas como informação, os cursos de dança e teatro surgem na UEA em 2001 e 2010, consecutivamente.

O reconhecimento da arte como área de conhecimento se dá com a nova Lei de Diretrizes e Bases em 1996, implementando-a como componente pedagógico, salvaguardadas expressões regionais e as subáreas dança, teatro, música e artes visuais.

Também na década de 80, um estudo ganhou força com a LDB: a abordagem triangular de ensino da arte, iniciada pela professora Ana Mae Barbosa. A proposição consiste em basear a aula de arte em três ações básicas: ver arte, contextualizar e produzi-la.

Atualmente, mesmo com críticas, precisamos citar o documento mais recente que traz diretrizes para o ensino de artes: a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que aponta além das quatro linguagens, o audiovisual e as artes integradas.

O documento traz ainda menção aos objetos de conhecimento, habilidades e competências relacionando-os à abordagem das linguagens artísticas de modo a contemplar as seis dimensões do conhecimento da experiência artística: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão, as quais vimos o que significa cada uma delas.

Entendendo que ministrar aulas de arte nos faz conhecer e reconhecer a arte como fonte de conhecimento, saberes presentes “tanto como parte do processo de produção artística, do fazer e do criar, como do entendimento da sociedade e do contexto em que a obra se insere” (Zagonel, 2008, p. 38), a relação com a aprendizagem dos estudantes garante vínculo com a proposta da educação do campo.

A potencialidade cultural presente no campo, que pode ser explorada nas aulas de arte, no conhecer os povos, modos, crenças, valores, construções, e assim visualizar as formas de criar, pensar e ler o mundo e se relacionar com o meio ambiente, desenvolvendo uma atuação crítica e sensível aos contextos locais, de forma a agregar na construção destes saberes e valorizar as experiências próximas.

Ao se perceber criador, ao criar, o sujeito experimenta associações, adaptações, arranjos, abrindo-se a descobertas e à valorização de seus achados. Por sua vez, possibilita entender os meandros de um processo criativo, valorizando além de sua criação pessoal, a coletiva.

Processo que vai ao encontro das diretrizes curriculares da pedagogia da alternância - que contemplam a organização dos processos formativos das comunidades do campo e outros grupos sociais - um olhar para as especificidades destas comunidades, compreendendo a “formação, educação e orientação [objetivando] o desenvolvimento integral do estudante [,] considerando as dimensões cognitiva, afetiva, estética, ética, física, cultural, ecológica e social (Brasil, 2023, p. 2).

Neste contexto, faz sentido o professor em formação buscar conhecimentos em arte e planejar o ensino instituindo práticas artísticas com os estudantes, pois no planejamento acionamos conhecimentos e experiências deste campo de saber.

Avaliar em arte pressupõe ter a compreensão dos saberes envolvidos e para cada linguagem, a elaboração de formas específicas de avaliar e, principalmente, junto aos estudantes, verificar qual o nível de conhecimento e experiência que eles possuem sobre arte, para assim elaborar uma intervenção pedagógica, pensando diferentes indicadores de avaliação e, principalmente, tendo na avaliação diagnóstica, uma grande aliada.

Vimos quais caminhos podemos explorar nas diferentes linguagens a partir dos elementos básicos, bem como parâmetros para avaliar em arte, usando, por exemplo, notas escritas a partir de nuvem de palavras (como veremos nesta unidade), ou registros visuais em um portfólio produzidos pelos estudantes.

Como já dito, cada uma das linguagens artísticas oferece subsídios para o diálogo com a infinidade de imagens do mundo, imagens criadas e imagens da natureza. Esse

exercício nos põe abertos a vivenciar a pluralidade cultural que é viver em sociedade e na leitura de imagem construir a experiência estética.

Como outra possibilidade, apontamos além da criação direta a releitura de obra, em uma perspectiva de ressignificação da obra original. Vimos também outras explorações em teatro com a contação de histórias, e em dança com a apreciação do espetáculo *Grito Verde* e a seguir, veremos em artes visuais os grafismos indígenas, e em música, a ideia da paisagem sonora e nas artes híbridas, a arte da terra, sempre levando em consideração a abordagem triangular de ensino da arte.

Todas as atividades propostas envolvem o **pensar/produzir/compreender arte**, potencializando cada uma destas três dimensões, a partir de uma reconstrução de saberes de forma pessoal.

## **NUVEM DE PALAVRAS**

Cotidianamente fazemos uso da linguagem para expressarmos nossas ideias. Estas construções são compostas de palavras que nos ajudam a nomear e dar sentido ao que tocamos, vemos, ouvimos, sentimos. Como resultado, temos textos que carregam mensagens e permitem leituras. Mesmo em produções textuais sem organização linear, quando agrupamos palavras, estabelecemos um sentido.

Esta prática pode ser explorada através da produção de uma nuvem de palavras. Criar textos desta forma pode potencializar a elaboração de resumos, relações com um conceito, ilustrar textos descritivos, registrar um assunto, enfim, situações que fazem parte do contexto de uma aula de artes.

Atualmente, há recursos digitais que auxiliam a produção de nuvem de palavras, mas é possível fazer com colagens e também de forma manuscrita. O interessante é que podemos mediar atividades com nuvem de palavras com estudantes de todas as idades.

Com crianças da educação infantil é possível trabalhar com nomes, cores, animais, frutas. Com crianças maiores pode-se explorar assuntos de áreas específicas como nos exemplos abaixo.



pode ser ajustada conforme compreensão do professor ou professora ministrante. Os momentos da aula são sugeridos a partir da tríade: fazer, ler e contextualizar arte.

## **OFICINA DE ARTES VISUAIS – GRAFISMO INDÍGENA**

### **CONTEXTUALIZAÇÃO**

O ponto é um dos elementos básicos das artes visuais. Simples, atrativo e aberto à imaginação do observador, é literalmente o ponto inicial de qualquer movimento criativo. Com ele, criamos efeitos de luz e sombra, criamos linhas, volumes e profundidade.

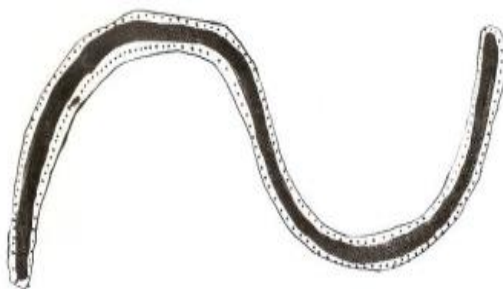
Na unidade anterior, conhecemos a técnica do pontilhismo e o Impressionismo. A união de vários pontos cria linhas retas e curvas, que por sua vez, criam volumes e profundidades. Aqui, vamos explorar estes elementos em uma forma criativa conhecida como grafismo.

O grafismo é uma arte visual da cultura indígena, que compõe uma das matrizes culturais do Amazonas. A organização de várias linhas formam imagens inspiradas em elementos da natureza que identificam povos indígenas. Os grafismos são usados em pinturas corporais, pinturas em cerâmicas e na trama de cestos, tapetes e outras formas de expressão cultural.

Na pele podem ser feitos com tinta à base de urucum (vermelho) e jenipapo (preto). Na cestaria são utilizadas palhas secas naturalmente amarelas ou tingidas de cinzas para ficar preto, e urucum para o tom avermelhado, que trançadas formam padrões gráficos.

### **APRECIÇÃO**

**Figura 17:** Motivo para pintura simbolizando uma cobra



**Fonte:** Susanne Rotermund (2016)<sup>15</sup>

**Figura 18:** Pintura corporal indígena



**Fonte:** Margaret Imbroisi (2018)<sup>16</sup>

**Figura 19:** Cestos Baniwa



**Fonte:** Rede Artesol<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://pindorama.art.br/indigena/grafismo-suzane.pdf>.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/album-interpretacoes-arte-corporal-plumaria-indigena/>.

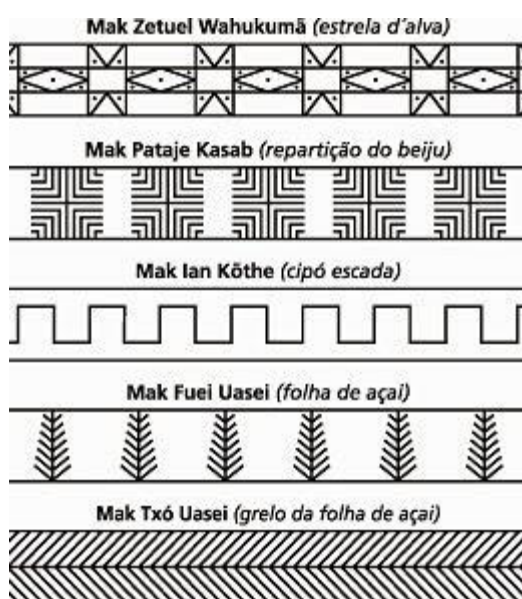
<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.artesol.org.br/cestariabaniwa>.

**Figura 20:** Pulseiras Kayapó



**Fonte:** Gabriella Furtado (2021)<sup>18</sup>

**Figura 21:** Motivos inspirados em elementos da natureza



**Fonte:** Pinterest<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.funbio.org.br/grafismos-e-pinturas-corporais-marcam-a-identidade-do-povo-kayapo/>.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/331647960051004371/>.

## FAZER ARTÍSTICO

**Figura 22:** Criação de grafismos em tiras de cartolina com uso de pincéis coloridos produzidos por professores indígenas em formação no curso de Pedagogia Intercultural Indígena em Atalaia do Norte



**Fonte:** Acervo pessoal (2018)

**Figura 23:** Momento de apreciação dos grafismos produzidos por cursistas de Pedagogia do Campo, na Comunidade Bauana, em Carauari



**Fonte:** Acervo pessoal (2023)

## OFICINA DE MÚSICA – PAISAGEM SONORA

### CONTEXTUALIZAÇÃO

A paisagem sonora é a totalidade de sons presentes em determinado ambiente, sejam eles de origem natural, humana, industrial ou tecnológica. Como o som é uma

sensação auditiva, para melhor compreensão do conceito apresentado faremos o exercício de registro da observação da paisagem sonora, de forma semelhante à partitura musical.

Essa escrita pode ter como base a nuvem de palavras ou registro visual livre, ou em linha (descrição no fazer artístico), como na partitura tradicional (linhas abaixo).

---

---

---

---

---

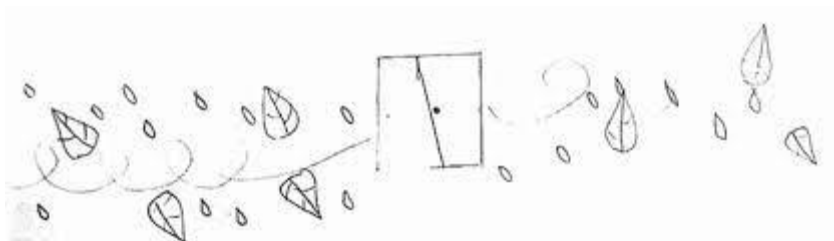
### FAZER ARTÍSTICO

Com uso de folhas avulsas (pode ser caderno ou folhas de A4), cola, pincéis coloridos, lápis de cor e pode-se usar também folhas caídas e restos de papéis para a realização do registro dos sons escutados.

### APRECIACÃO

Compartilhar as produções da turma neste momento.

**Figura 24:** Registro poético de sons em Trilha de sons: construindo a escrita musical



**Fonte:** Castro Silva (2012)<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Disponível em:

[http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista\\_musica/ed4/pdfs/RevistaMeb4\\_trilha.pdf](http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed4/pdfs/RevistaMeb4_trilha.pdf).

**Figura 25:** Atividade de registro de escuta de paisagem sonora com crianças e estudantes do curso de Pedagogia do Campo em Maués-AM



**Fonte:** Acervo pessoal (2022)

## **OFICINA DE ARTES HÍBRIDAS – INSTALAÇÃO ARTÍSTICA: *LAND ART***

### **CONTEXTUALIZAÇÃO**

A instalação artística é um tipo de obra desenvolvida no ambiente. Ela pode ser feita tanto em espaços específicos de museus e galerias, quanto na rua, salas ou espaços abertos.

Como proposição de experimentação de instalação, trago a *Land Art*, ou arte da terra, uma criação artística que a natureza é o suporte da obra de arte. Não se trata de ser mais um lugar para apresentar uma obra, mas de a natureza ser integrada a ela.

Seu surgimento se deu na década de 60, nos Estados Unidos, como questionamento às formas simples, minimalistas, industriais, e tecnológica das obras de arte, para além do interesse aos temas ecológicos.

Por suas características, se apresenta como arte contemporânea, não sendo uma arte possível de ser exposta em museus, e dependendo de suas dimensões, só pode ser vista por foto ou vídeo.

## APRECIÇÃO

**Figura 26:** Obra *Surrounded Island* de Christo and Jeanne-Claude (1980-1983)



**Fonte:** Jamyle Rkain (2021)<sup>21</sup>

**Figura 27:** Land art na água



**Fonte:** Alô Terra (2013)<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.artequacontece.com.br/afinal-o-que-e-a-chamada-land-art/>.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.aloterra.com.br/arte-na-natureza/>.

**Figura 28:** Land art com frutos



**Fonte:** Alô Terra (2013)<sup>23</sup>

## FAZER ARTÍSTICO

Observação da cidade com olhos de pesquisadores. Em grupos, mapear lugares da cidade que possam compor uma obra de arte a céu aberto. Concomitante à escolha do lugar, pensar uma questão local para ser posta na criação.

**Figura 29:** Produção da turma de Pedagogia do Campo de Carauari



**Fonte:** Acervo pessoal (2023)

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.aloterra.com.br/arte-na-natureza/>.

**Figura 30:** Produção da turma de Pedagogia do Campo de Carauari



**Fonte:** Acervo pessoal (2023)

**Figura 31:** Produção da turma de Pedagogia do Campo de Carauari



**Fonte:** Acervo pessoal (2023)

**Figura 32:** Produção da turma de Pedagogia do Campo de Carauari



**Fonte:** Acervo pessoal (2023)

**Figura 33:** Produção da turma de Pedagogia do Campo de Carauari



**Fonte:** Acervo pessoal (2023)

**Figura 34:** Produção da turma de Pedagogia do Campo de Carauari



**Fonte:** Acervo pessoal (2023)

**Figura 35:** Produção da turma de Pedagogia do Campo de Carauari



**Fonte:** Acervo pessoal (2023)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A todo tempo lemos o mundo ao nosso redor. As experiências estéticas em arte colaboram para construirmos sentidos frente à pluralidade cultural que compartilhamos nas formas de vida. Neste sentido, quanto mais vivências propiciarmos aos estudantes no período de formação escolar, mais tolerância ao diferente, olhar crítico e mais espaço de experimentações e composições, estimulando a capacidade criativa fomentaremos.

O processo de criação em arte, como todos os processos cognitivos e por que não corpóreos, permite-nos atuar segundo nossas percepções e à nossa maneira, possibilitando expressões pessoais da realidade, construídas coletivamente e potencialmente significativas.

Os apontamentos colocados aqui são construções pessoais e apontam caminhos abertos e flexíveis a adaptações, inclusive, as citações trazidas representam fragmentos das referências pesquisadas, e caso, como pesquisadores, possam ter contato com as obras citadas na íntegra, é importante para seu trabalho docente, pois como disse anteriormente, no planejamento das aulas acionamos tudo aquilo que sabemos sobre o que queremos construir junto com os estudantes.

Espero ter agregado no processo de formação de vocês, que é contínuo e dinâmico.

## **SÍNTESE DA UNIDADE**

Destacamos as principais ideias levantadas neste módulo sobre o ensino de arte na educação do campo, retomando a defesa da arte como área de conhecimento, passando por suas linguagens artísticas: dança, música, artes visuais, teatro e artes híbridas, experimentando nas oficinas de grafismo indígena, paisagem sonora e arte da terra, conteúdos da arte que tem relação direta ao contexto do campo sob a perspectiva da abordagem triangular do ensino de arte.

Nas considerações finais, reafirmamos os fundamentos do ensino de arte como compromisso do professor, que encaminha processos artísticos como processos de aprendizagem na escola.



### VÍDEO DA UNIDADE III

#### ATIVIDADES COMPLEMENTARES

**VÍDEO** - Assista o espetáculo *Grito Verde* do Corpo de Dança do Amazonas, um grupo de dança mantido pelo Governo do Estado do Amazonas através da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. O espetáculo de dança contemporânea tem como tema a cultura popular e regional da Amazônia e a sua relação com a natureza.

**Figura 36:** Captura de tela do vídeo do espetáculo Grito Verde



**Fonte:** Getulio Henrique (2018)<sup>24</sup>



### GLOSSÁRIO DA UNIDADE III

1. **Arte Contemporânea** – reúne criações que rompem com formas tradicionais de arte, sendo aberta à vida cotidiana, à interação com o observador, e priorizando o conceito e o processo acima do objeto artístico.

2. **Minimalismo** – Movimento que faz uso de elementos essenciais como base de expressão de algo.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4hqx8dIgxDw>.

3. **Suporte** – Na arte, o suporte é a base em que é aplicada a matéria, é o que estrutura a arte.

4. **Partitura musical** – Representação escrita convencionada mundialmente de músicas pautadas em 5 linhas e 4 espaços e símbolos específicos relacionados a sons.

5. **Híbrido** – Algo formado por espécies diferentes.



### ATIVIDADE DA UNIDADE III

#### ATIVIDADE AVALIATIVA

Como exploração do tema, escolha uma linguagem artística e elabore uma nuvem de palavras a partir dos conteúdos discutidos nesta unidade. Após finalizar, faremos uma socialização das produções.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. *Sons da floresta viram música no Amazonas*. G1, São Paulo, 17 de dez. de 2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL923647-5598,00-SONS+DA+FLORESTA+VIRAM+MUSICA+NO+AMAZONAS.html>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- ARTE na natureza. *Alô terra: se liga em sustentabilidade*, 25 de mar. de 2013. Disponível em: <https://www.aloterra.com.br/arte-na-natureza/>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- BARBOSA, A. M. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, A. M. *Ensino de arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, n. 19, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- BRASIL. *Câmara dos deputados*. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: MEC, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. *Lei nº 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. MEC, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 01 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2018.
- BRAVO, D. *Artista brasileiro faz releituras 2.0 de obras clássicas do surrealismo*. SCL: Somente coisas legais. Disponível em: <https://somentecoisaslegais.com.br/arte/artista-brasileiro-faz-releituras-2-0-de-obras-classicas-do-surrealismo>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- BUENO, L. E. B. *Linguagem das artes visuais*. Curitiba: IBPEX, 2008.
- BÜRGEL, R. *O casamento da filha do Mapinguari*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/livro/o-casamento-da-filha-de-mapinguari/>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- CASAS. *Povos Indígenas no Brasil Mirim*. Disponível em: <https://mirim.org/pt-br/como-vivemcasas>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- CESTARIA Baniwa. *Trançado. Rede Artesol: Artesanato do Brasil*. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/cestariabaniwa>. Acesso em: 17 jun. 2023.

COMO fazer desenhos com pontilhismo? *Graffiti Artes*, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://blog.grafittiartes.com.br/como-fazer-desenhos-com-pontilhismo/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

COSTELLA, A. F. *Para apreciar a arte: roteiro= didático*. 4. ed. São Paulo: SENAC, 1997.

DÓRIA, L. M. F. T. *Linguagem do teatro*. Curitiba: IBPEX, 2009.

EMERIQUE, E. S. S.; PAIXÃO, M. G. R. *Cores do açai: XX Prêmio arte na escola cidadã - 2019 | Ensino Fundamental 2*. Instituto Arte na Escola, 2019. 1 vídeo (7:14 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d8CMODYDXxk>. Acesso em: 01 jul. 2023.

FAARTES. Faculdade de Artes. *Nossa História*. Universidade Federal do Amazonas, 21 de novembro de 2024. Disponível em: <https://faartes.ufam.edu.br/nossa-historia.html>.

FERRAZ, M. H. C. T; FUSARI, M. F. R. *Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e proposições*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

GETULIO HENRIQUE ROCHA LIMA. *Grito verde*. 2018. 1 vídeo (58:33 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4hqx8dIgxDw>. Acesso em: 15 jul. 2023.

GRAFISMOS e pinturas corporais marcam a identidade do povo Kayapó. *FUNBIO*, 30 de jun. de 2021. Disponível em: <https://www.funbio.org.br/grafismos-e-pinturas-corporais-marcam-a-identidade-do-povo-kayapo/>. Acesso em: 01 jul. 2023.

IMBROISI, M. *Álbum de interpretações da arte corporal e plumária indígena*. História das Artes, 12 de mar. de 2018. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/salados-professores/album-interpretacoes-arte-corporal-plumaria-indigena/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

IMPRESSÃO, nascer do sol. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Impress%C3%A3o,\\_nascer\\_do\\_sol](https://pt.wikipedia.org/wiki/Impress%C3%A3o,_nascer_do_sol). Acesso em: 15 jul. 2023.

MAPA brasileiro e lista de cidades conceito de nuvem de palavras. Mapa do brasil e lista de cidades conceito de nuvem de palavras sobre fundo branco. *Dreamstime*. Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/mapa-brasileiro-e-lista-de-cidades-conceito-nuvem-palavras-do-brasil-sobre-fundo-branco-image182072308>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MARQUES, I.; BRAZIL, F. *Arte em questões*. São Paulo: Digitexto, 2012.

MEDIAÇÃO Cultural em pauta – diálogos entre educação, arte e cultura. *Instituto Arte na Escola*. Disponível em: <https://www.artenaescola.org.br/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

O FILHO do Homem. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Son\\_of\\_Man](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Son_of_Man). Acesso em: 15 jul. 2023.

PINTEREST. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/331647960051004371/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

RKAIN, J. *Afinal, o que é a chamada “land art”?* Arte que acontece, 4 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.artequaeacontece.com.br/afinal-o-que-e-a-chamada-land-art/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ROTERMUND, S. *O grafismo indígena, suas formas e cores: relato de um trabalho pedagógico-terapêutico*. Associação Ita Wegman, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://pindorama.art.br/indigena/grafismo-suzane.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SANTOS, S. *A graça do personagem Bicho Folharal no Arraial - Por Zekatraca*. Gente de opinião, Porto Velho, 8 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/silvio-santos/a-graca-do-personagem-bicho-folharal-no-arraial-por-zekatraca>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SILVA, A. N. C. *Trilha de sons: construindo a escrita musical*. Música na Educação Básica. Londrina, v. 4, n. 4, nov. 2012. Disponível em: [http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista\\_musica/ed4/pdfs/RevistaMeb4\\_trilha.pdf](http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed4/pdfs/RevistaMeb4_trilha.pdf). Acesso em: set. 2023.

TADRA, D. S. A.; VIOL, R. *et al. Linguagem da dança*. Curitiba: IBPEX, 2009.

TAVARES, I. M.; CIT, S. *Linguagem da música*. Curitiba: IBPEX, 2008.

ZAGONEL, B. *Avaliação em arte*. Curitiba: IBPEX, 2009.

ZAGONEL, B. *Arte na educação escolar*. Curitiba: IBPEX, 2008.

## **SOBRE A AUTORA**

### **Daniely Peinado**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Graduada em Dança e Teatro, especialista em Metodologia do Ensino de Arte e Teatro e Educação, é Mestre em Letras e Artes, com pesquisa em Teatro. Professora formadora e conteudista no Curso de Pedagogia do Campo - UEA na cidade de Carauari - AM. Atuou como professora no Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas. Foi professora no Curso de Pedagogia do Campo - UEA na cidade de Maués. Tem experiência como professora formadora no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR na UEA nos cursos de Pedagogia e Pedagogia Intercultural Indígena e na UFAM no curso de Pedagogia. É professora de Artes da Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Amazonas.